



“O fim da classe operária é mera fantasia”

Por Miguel Enrique Stédile

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), **Sérgio Lessa** é um dos maiores especialistas na obra de Georg Lukács no Brasil. Em entrevista exclusiva à **Revista Sem Terra**, o filósofo questiona a tese do fim da classe operária e de seu papel revolucionário.

“Isso equivaleria a dizer que o desenvolvimento do escravismo levou à extinção dos escravos, que o desenvolvimento do feudalismo levou à extinção dos servos”, ironiza o autor de *Introdução ao Marxismo* (Ed. Expressão Popular, 2008). Lessa defende a atualidade da teoria marxista e a validade das bandeiras socialistas no século 21. Confira a seguir.

Revista Sem Terra: A Editora Expressão Popular publicou recentemente seu livro, em conjunto com Ivo Tonet, *Introdução ao Marxismo*. Qual a atualidade do pensamento de Marx e a importância de se resgatar o pensamento dele, quando o discurso neoliberal afirma que o marxismo está superado?

Sérgio Lessa: Há que se fazer uma fundamental distinção entre o pensamento de Marx e o que se denomina genericamente por marxismo. Isto porque parte considerável do que veio após Marx deixou de ser ciência para ser propaganda dos Estados que brotaram das tentativas revolucionárias, como a ex-URSS, a China etc. Na medida em que tais experiências degeneraram para o capitalismo, tais marxismos também foram se degenerando e perdendo a capacidade de refletir na teoria o mundo em que vivemos. Esse marxismo (o stalinismo, o maoísmo etc.) de fato está superado pela história. E o que temos dele a aprender fundamentalmente é a lição do

Douglas Mansur

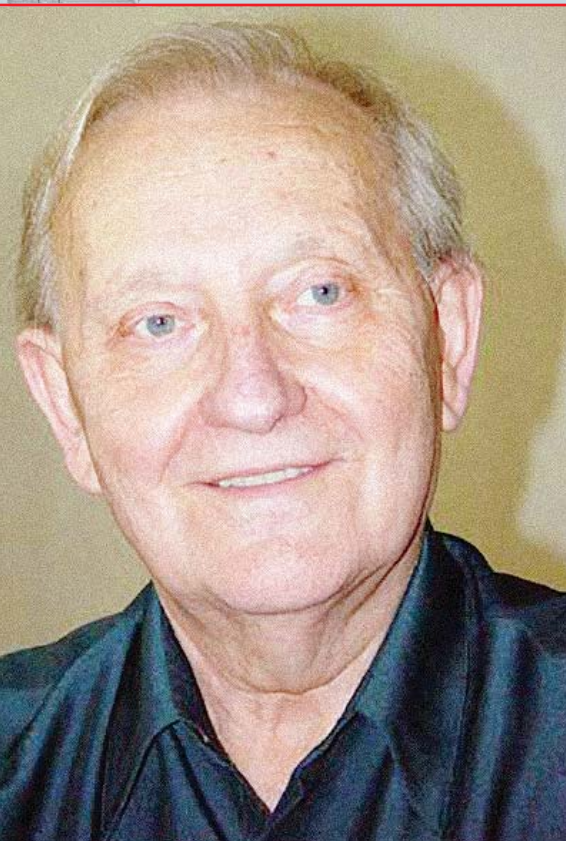


As novas tecnologias aprofundam e intensificam o controle sobre o trabalho manual

que não devemos fazer no futuro no campo da teoria, muito mais do que um exemplo a ser seguido.

RST: E o que dizer do pensamento de Marx, então?

SL: Uma coisa muito diferente é o pensamento de Marx e Engels, bem como contribuições decisivas de Lenin, Rosa Luxemburgo, Trotsky, Lukács, Mészáros etc. Essa é uma vertente do desenvolvimento do pensamento revolucionário que manteve a superação da propriedade privada, da exploração do homem pelo homem, do fim do patriarcalismo e do Estado como central — ainda que possamos localizar problemas e questões, alguns muito sérios, aqui ou ali. E dentre todos eles, Mészáros foi dos poucos a conhecer o fim da experiência soviética, o que lhe propiciou condições históricas que os outros grandes não conheceram para extrair as lições das revoluções do século 20. Portanto, depende de qual marxis-



Mészáros

mo falamos. Se for o marxismo dos stalinista, maoístas etc, certamente eles estão superados. Mas se nos referimos à tradição revolucionária, diria que ela nunca esteve tão atual e que as novas condições históricas, com a crise do neoliberalismo de um lado, e da ex-URSS, China etc, do outro, estão favorecendo sobremaneira seu desenvolvimento.

RST: Um dos argumentos contrários ao marxismo e a Marx é o de que com a flexibilização do trabalho, a reestruturação trabalhista e o avanço tecnológico, a classe operária está desaparecendo. A classe operária está realmente condenada à extinção?

SL: É provável que daqui a algumas décadas, quando olharmos para o passado, nos surpreendamos com a quantidade de teorias e hipóteses que foram formuladas sobre a possibilidade — por vezes, mesmo a necessidade — de que a classe ope-

rária estaria sendo extinta pelo próprio desenvolvimento do modo de produção capitalista. Do ponto de vista teórico o mais geral — isto é, sem sequer examinarmos a realidade mais de perto — isso equivaleria a dizer que o desenvolvimento do escravismo levou à extinção dos escravos, que o desenvolvimento do feudalismo levou à extinção dos servos... sem que houvesse a passagem a um outro modo de produção!

Como seria possível postular a extinção de uma das duas classes fundamentais do modo de produção capitalista sem a própria extinção do modo de produção capitalista? O fim do proletariado tem que ser também a superação do capitalismo, ou não pasará de hipóteses e teorias sem qualquer base histórica; meras fantasias.

RST: E como você avalia os argumentos dessas hipóteses e teorias?

SL: A maior parte delas parte do pressuposto de que o desenvolvimento tecnológico, ao fundir ou imbricar o trabalho manual ao intelectual, e o produtivo ao improdutivo, estaria eliminando a forma capitalista de exploração do trabalho. Na maior parte dessas teorizações encontramos uma velha concepção de história muito combatida pelos bons teóricos marxistas no início do século 20. Tal concepção afirma que é o desenvolvimento da técnica que move o desenvolvimento das forças produtivas e, portanto, seria a técnica o motor da história. Essa é

uma concepção inteiramente falsa. Cada modo de produção seleciona a tecnologia que melhor responde às necessidades de sua própria reprodução, de tal modo que do desenvolvimento tecnológico capitalista virá apenas mais e mais relações de produção capitalistas. Não há nenhum caso, ao longo da história, em que um modo de produção tenha dado origem a uma tecnologia que subverta seus fundamentos primeiros — e a história da tecnologia no século 20 apenas vem a confirmar essa tese histórica mais geral de Marx. Não há nenhum indício de que a classe operária, aquela que converte a natureza em meios de produção e de subsistência sob a regência do capital, esteja em processo de extinção.

RST: Outro argumento comum para a “extinção” da classe operária estaria no desaparecimento do trabalho manual ou sua fusão com o trabalho intelectual.

SL: Do ponto de vista empírico mais imediato, todas as teses de que o trabalho manual e o intelectual estariam se fundindo porque o trabalho produtivo e improdutivo, bem como o manual e o intelectual, estariam também se fundindo, não conseguem demonstrar sequer um exemplo empírico no qual tal fusão estaria acontecendo. E o oposto está ocorrendo: todos os estudos empíricos, e em países tão distantes quanto Japão, Reino Unido, Estados Unidos, Brasil, França etc, demonstram que as novas tecnologias aprofundam e intensificam o controle (o trabalho intelectual) sobre o trabalho manual, que o trabalho produtivo e improdutivo continuam sendo distintas modalidades do trabalho abstrato etc. E, que, portanto, nas novas condições históricas, a exploração do capital sobre o trabalho manual se intensifica ao

“O fim do proletariado tem que ser também a superação do capitalismo”



invés de estar sendo abolida. Em boa parte destas teorizações, parte-se de um gigantesco equívoco: que o trabalho intelectual seria a atividade de pensar. Desde Marx sabemos que os seres humanos se distinguem dos animais porque constroem na consciência antes de transformar a objetividade: não há ato humano sem subjetividade humana. Não há ato humano sem o envolvimento da consciência de quem o realiza. Portanto, a distinção entre trabalho intelectual e manual não é a distinção entre quem pensa e quem executa, já que quem executa, mesmo nas sociedades de classe (o escravo, o servo e o proletário) deve necessariamente pensar para produzir a riqueza da classe dominante.

RST: Como você analisa, então, essa distinção?

SL: Ela diz respeito à quem controla (sempre pela aplicação cotidiana da violência, pois sem ela não há dominação de classe possível) e a quem é obrigado a produzir o que não necessita e do modo que não o faria espon-

“Não há ato humano sem subjetividade humana”

taneamente. É a distinção entre a função social da classe dominante (produzir as condições sociais indispensáveis — novamente, que tem na organização da aplicação cotidiana da violência sua condição imprescindível — para que o trabalhador permaneça explorado) e a função social daqueles que produzem toda a riqueza da sociedade. Aos primeiros cabe o trabalho intelectual, aos segundos o trabalho manual. Por isso Marx tematizou seguidamente sobre a “oposição como inimigos” de classe (Engels diria “inimigos mortais”) do trabalho intelectual ao trabalho manual. Sendo assim, se não estivermos em um processo de transição para uma sociedade sem classes, o que significa, uma transição para uma sociedade comunista, não poderíamos estar assistindo à fusão,

imbricamento do trabalho manual ao intelectual, ou mesmo ao desaparecimento do primeiro.

Sobre a tese, também há um tempo tão famosa, de que os robôs substituiriam o trabalho manual no interior do próprio capitalismo, basta lembrarmos que é a força de trabalho a única mercadoria cujo valor de uso é produzir, quando consumida, maior valor que o seu próprio (a mais-valia) para nos darmos conta do equívoco aqui presente. Não há nenhum indício que respalde a hipótese, infelizmente tão comum mesmo na esquerda, que o trabalho manual estaria desaparecendo e, com ele, a classe operária.

RST: Como você avalia as novas teorias que afirmam que o lugar que era das classes sociais, como sujeitos, agora seria ocupado por algo chamado “A Multidão”?

SL: Para ser muito direto, é a forma mais imediata e mistificadora das ideologias burguesas em um momento de crise do pós-modernismo, que foi a expressão ideológica mais explícita

Lessa se opõe à tese de que os robôs um dia substituirão o trabalho manual





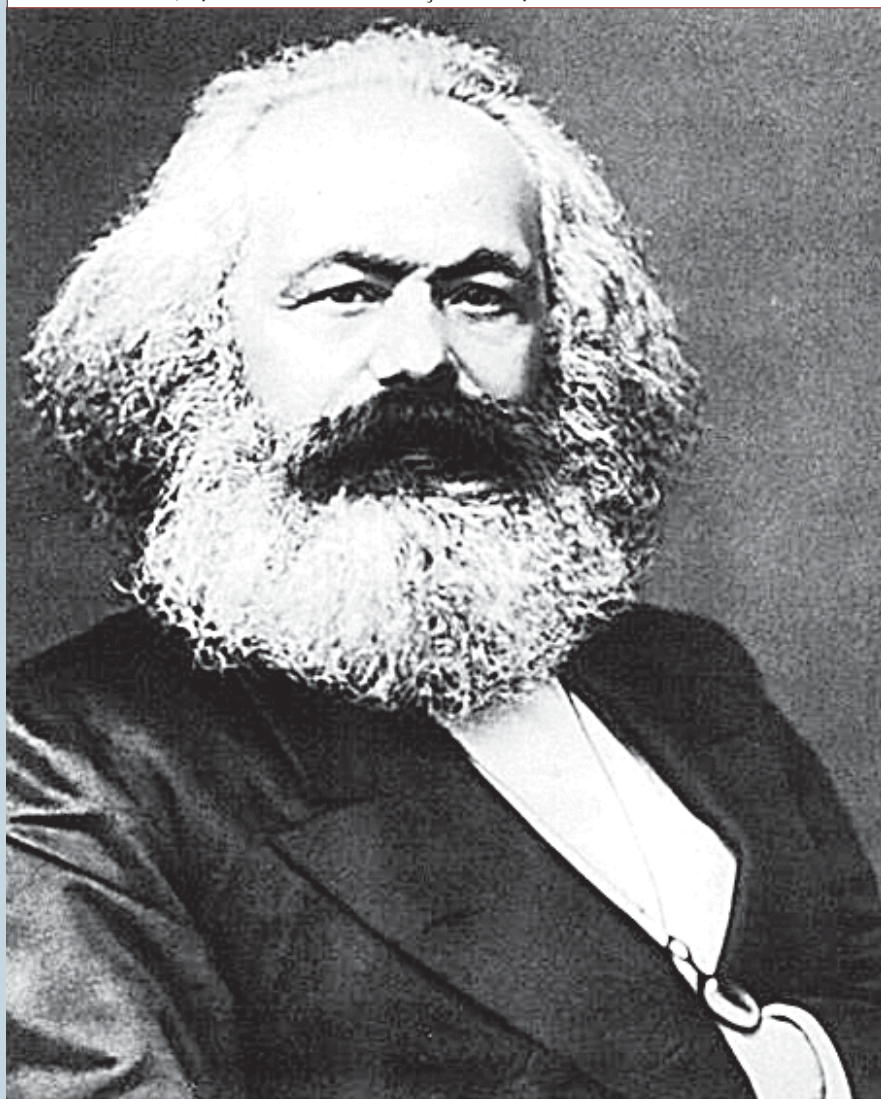
das tendências que o neoliberalismo representa na esfera da política e da economia. Sua tese central é a de que a história, desde o período medieval, foi feita por uma categoria misteriosa, o “amor pelo tempo por se constituir”. É partindo dessa categoria que afirmam ter a classe operária, cansada de ser explorada pelo capital, abandonado o trabalho nas fábricas fordistas! Sem trabalhadores, a burguesia em pânico teria sido obrigada a desenvolver as novas tecnologias que substituem o trabalho vivo pelos robôs: a crise de desemprego em que vivemos simplesmente não existiria! Seriam os operários que se negam a continuar a ser explora-

dos pelo capital, fundando assim o comunismo nos “interstícios do capital”! Por isso, combater o neoliberalismo, defender os direitos ameaçados dos trabalhadores, combater a intensificação da exploração do trabalho pelo capital seria um enorme equívoco segundo tais teóricos, pois não passaria da resistência da contra-revolução ao comunismo que está se constituindo aos nossos olhos! Tratei da crítica dessas teorias em *Para Além de Marx?* (Editora Xamã, 2005). Tais teses e tais teóricos são, a meu ver, uma porção da ideologia contra-revolucionária de nossos dias, uma porção que se apresenta como “de esquerda”.

RST: É recorrente ouvirmos da parte do governo e de setores de esquerda que a classe média está se ampliando, de que parcelas dos proletários estão “ascendendo” socialmente. Como você interpreta esta opinião e esta “ascensão”?

SL: Uma classe não ascende na estrutura de classes de uma sociedade. Ela pode ampliar ou ter diminuído seu poder aquisitivo, seu poder de compra, nunca ascender na estrutura social. Uma coisa nada tem a ver com a outra — ainda que, do ponto de vista ideológico, da luta política, essa não seja uma questão de menor importância. O que determina uma classe é sua inserção na estrutura produtiva da sociedade, sua função na reprodução social. Este é o fundamento ontológico das classes sociais — e ele não pode ser alterado, é evidente, por um maior ou menor

Para Lessa, é preciso deixar clara a distinção entre o pensamento de Marx e o Marxismo



“Uma classe não ascende na estrutura de classes de uma sociedade”

poder de compra de seus membros. Em alguns momentos, o sistema do capital necessita ampliar o consumo de setores assalariados (sejam eles proletários ou não), e então se verifica uma elevação do montante dos salários na sociedade. Em outros momentos, o inverso ocorre. Em todos os momentos, contudo, não se verifica de modo prolongado e estável a tendência à distribuição mais uniforme da renda nacional. Pelo contrário, mesmo nos 30 anos doutorados do Estado de Bem-Estar, e mesmo nos nove ou dez países capitalistas centrais que o conheceram mais



plenamente, o que houve foi uma concentração de renda pelo aumento da lucratividade do sistema do capital pela incorporação do consumo dos setores assalariados. Assim, não há qualquer fundamento em postular uma elevação à classe média dos operários (com o que esses estariam desaparecendo) por uma elevação da média salarial... Tais teses bebem antes nas teorias e postulados da sociologia burguesa do que em um exame científico e sério do nosso mundo.

RST: É possível pensar numa transformação das estruturas sociais sem um instrumento político?

SL: Como a revolução proletária é uma “revolução política com alma social”, como diz Marx em *A Questão Judaica*, será preciso um instrumento político para que sua realização tenha lugar. Isso não significa, todavia, que tal instrumento político a preceda ou mesmo que seja de um modelo pré-estabelecido. E, todavia, também é verdade que as experiências revolucionárias demonstraram a importância dos partidos políticos nesses momentos históricos tão decisivos. Então, eu diria para você, que tudo indica que um instrumento político revolucionário é parte integrante dos processos revolucionários, pelo menos tem sido assim até agora.

RST: Neste contexto de descenso das lutas de massas e de fragmentação da esquerda, você vê alguma perspectiva de formação de um instrumento político neste momento ou viveremos “acéfalos” ainda por um tempo?

SL: O momento contra-revolucionário em que vivemos não é o melhor terreno para se construir partidos revolucionários e temos assistido como as tentativas nesse sentido tendem rapidamente à burocratização de suas es-



Lessa acredita que estamos vivendo um momento contra-revolucionário

truturas e ao esclerosamento teórico-ideológico de suas concepções de mundo. Esse fato, todavia, não significa que vivamos “acéfalos”, como diz você. Há várias experiências, e o MST é uma das mais importantes, que assinalam possibilidades de avançarmos nesse processo sem necessariamente adotarmos uma estrutura partidária clássica (diria, de corte leninista ou stalinista). Alguma direção parece ser, então, possível, as lutas (limitadas pelo período contra-revolucionário) recebem alguma direção, ainda que nada que se assemelhe ao que ocorre em uma crise revolucionária. Há um espaço a ser explorado — a experiência parece indicar — que abre um campo entre ficarmos “acéfalos” ou fundarmos um partido revolucionário.

RST: Está em voga um debate sobre o chamado “Socialismo do século 21”. Na sua opinião, quais

elementos devem estar presentes no socialismo deste século?

SL: Os mesmos elementos essenciais do século 21: superação do Estado, da propriedade privada, do patriarcalismo e das classes sociais. Isso porque a essência do capital continua a mesma, as classes fundamentais da sociedade são as mesmas, a lei geral da acumulação capitalista não apenas não perdeu sua validade, como é ainda mais atual que na época de Marx, a qual conhecia ainda importantes setores econômicos não integrados à produção de mais-valia. A expressão “socialismo do século 21”, a meu ver, pode ser um engodo: pode sugerir um “novo” socialismo e, nesse caso, a única alternativa ao “velho” e bom socialismo de Marx e Engels é o capitalismo de face humana. Já vivemos essa tragédia, já vimos o que tal proposta fez ao movimento revolucionário e não precisamos repeti-la. ■